

Clementina Silva e Adelaide Jordão, que viveram no epicentro da guerra civil angolana, foram as principais fontes de inspiração deste livro.

Tudo começou quando conheci Clementina, numa viagem entre o Rio de Janeiro e Luanda, capital de Angola, quando o país ainda não havia celebrado o acordo de paz que poria fim à mais sangrenta e duradoura guerra africana. Por meio dela, conheci Adelaide, sua companheira de infortúnio, também uma figura fascinante. Foram as conversas com essas mulheres que me impulsionaram a voltar a escrever depois de ter abandonado o jornalismo por mais de uma década.

Além desses contatos, na fábrica de medicamentos que eu dirigia em Luanda, passei a conviver diariamente com muitos personagens da guerra, não generais ou comandantes, mas gente do povo que viveu no front de combate. Deles, porteiros, funcionários e até mesmo diretores, ouvi histórias incríveis que revelavam personagens e passagens do conflito armado que se estendeu por mais de 27 anos, sem contar as duas décadas anteriores de luta pela independência.

Outro personagem a me inspirar na composição do universo ficcional deste livro foi Rui Silva, um filósofo que nunca frequentou uma escola de filosofia, com quem convivi em Andaraí, na Bahia, minha terra natal. Muitos de seus pensamentos aparecem refletidos ao longo da narrativa.

Assim fui compondo Duas mulheres, quatro amores e uma guerra civil. Embora o roteiro escolhido tome a guerra como pano de fundo, não tive qualquer pretensão de fazer um relato histórico, até porque na composição dos personagens me beneficiei mais da imaginação e da fantasia que das informações objetivas coletadas. Além disso, na organização da narrativa, não obedeci à cronologia real dos fatos históricos relativos à guerra civil.

Jailton Batista

Duas mulheres, quatro amores e uma guerra civil, romance de estréia de Jailton Batista, combina com arte ingredientes comuns às boas ficções – trama bem urdida, personagens tridimensionais, foco narrativo que explora a onisciência, ações em timing correto, conflitos externos e internos em mútua correspondência. Mais do que prender a atenção do leitor, este romance é capaz de comovê-lo. Há nele, ainda, um ingrediente que poucas vezes encontramos nos romances, que é seu lastro de verdade. A trama não é apenas verossímil, ela é verdadeira, calcada sobre fatos históricos – a guerra civil angolana – e sobre testemunhos de atores desses conflitos, colhidos pelo autor.

As recentes reportagens sobre o resgate de prisioneiras mantidas pelas FARC durante anos na selva colombiana e a leitura deste Duas mulheres, quatro amores e uma guerra civil revelam ao leitor pontos de convergência, mostrando como são semelhantes todos os conflitos armados, como são iguais os homens, quando tomados pela fúria da paixão, do poder ou do ódio. E mostra, mais uma vez, como ainda persiste a opressão machista e dominadora do homem sobre a mulher, do poderoso sobre o fraco.

Mas um romance não é uma reportagem e, embora Jailton Batista tenha militado no jornalismo, sua narrativa apresenta nítidos contornos ficcionais, distancia-se do factual e alcança uma dimensão mais ampla e universalizante, própria da literatura. Isso se deve à sua construção, que parte da realidade histórica, mas projeta-se além dela.

O cenário deste romance são as selvas, estradas e acampamentos militares angolanos; o tempo é a segunda metade do século XX; a situação é a da guerra civil em Angola; os personagens principais são duas mulheres, Esperança e Fatu, feitas prisioneiras por um dos exércitos. Preferindo assumir a visão das duas protagonistas duplamente oprimidas, Esperança e Fatu, que, além de mulheres, são prisioneiras de guerra, o autor não defende uma causa política, não prega uma ideologia, apenas ressalta o absurdo de uma guerra fratricida – esta ou qualquer outra, em qualquer país. Dessa sua escolha decorre a exemplaridade do drama narrado. Não é uma ficção que se limita a uma posição geográfica, a uma data calendário, a um movimento político. É um drama essencialmente humano, de apelo permanente e universal. Vale a pena conferir.

Jailton Batista

Jornal Opção
Nasce um bom escritor
por Euler de França Belém

A pequena editora goiana Cãnone Editorial pôs nas livrarias um romance que, lido com atenção, certamente ganhará pelo menos algum destaque. "Duas Mulheres, Quatro Amores e uma Guerra Civil" parece título de dissertação de mestrado, mas é, na verdade, um belo romance, muito bem-escrito. Seu autor, Jailton Batista, baiano radicado em Goiás, nem parece autor de primeira viagem. No prefácio — uma crítica pertinente, positiva, mas não laudatória —, Vera Tietzmann diz que se trata de "um romance promissor".

Em livros de jornalista, nos de prosa, há um vício freqüente: se falha a imaginação, o escritor, reaparecem a pesquisa e o repórter. Tal não ocorre neste belo livro, no qual o repórter que sobrevive em Jailton, presente no rigor, na precisão e na clareza da exposição, está subordinado ao escritor. Trata-se de um romance que bebe em histórias reais, na Angola da guerra civil, mas que sobrevive como ficção. A grande literatura é assim: bebe no real, mas, no lugar de tentar reproduzi-lo fielmente, serve muito mais para iluminá-lo. Em "Guerra e Paz", Tolstói mostra que, durante a guerra, a vida, com seus amores e desamores, continua. A guerra não pára a vida, a paz. Ao seu modo, Jailton iguala-se ao autor russo (não estou comparando suas literaturas): mesmo sob uma guerra cruenta, a vida segue adiante, amputando mas também criando esperanças.

Jornal Opção

<http://www.jornalopcao.com.br/>

POSTADO POR DUAS MULHERES, QUATRO AMORES E UMA GUERRA CIVIL ÀS 12:07 O COMENTÁRIOS
Crítica - Revista Bula

por Euler de França Belém

A guerra é o dos homens

Leitores querem saber onde encontrar o romance "Duas Mulheres, Quatro Amores e uma Guerra Civil" (Cãnone Editorial, 273 páginas), de Jailton Batista. Em Goiânia, vi na Livraria Saraiva, no shopping Flamboyant.

O romance conta histórias da guerra civil em Angola, país africano que fala português, e sobretudo histórias de indivíduos, como as bonitas Esperança e Fatu, que tiveram suas vidas devastadas pelo conflito que pôs irmãos contra irmãos.

Como em Henry James, as personagens femininas são mais bem-construídas do que as masculinas. Parece que é intencional, pois o autor faz questão de criar modelos caricatos como o general que pode e vê tudo, mas não tem nome. A guerra é um "instrumento" muito mais do mundo masculino do que do mundo feminino. A guerra é fálica, por assim dizer. Representa poder, potência. A impotência fica por conta dos seres frágeis, como mulheres, crianças e mesmo alguns homens.

No romance, nem todos os homens são cruéis, nem mesmo o capitão Kassinda, que atirou em António Sapolo, o Sapó, e depois casou-se com sua mulher, Fatu (a história é surpreendente e não convém revelá-la). As mulheres são mais generosas, mas há aquelas que fazem intrigas. Sobre as razões da guerra, o narrador faz uma síntese política o mais imparcial possível (página 142): "São irmãos que lutam em posições tão opostas por causas ideologicamente tão distintas, como a implantação do marxismo materialista numa sociedade marcada por profundas raízes tribais e fortes diferenças étnicas, ou a instalação do capitalismo refinado numa nação que ainda pratica o escambo. Reis, sobas e feiticeiros conduzem o destino de muita gente, e a posse da terra se faz de acordo com a necessidade dos pastores".

A impressão que tenho é que o livro vai fazer mais sucesso em Portugal e África de Língua Portuguesa do que no Brasil. Razão: Angola deveria dizer muito aos brasileiros, mas, em termos de informação, diz pouco, quase nada.

Detalhe: o livro de Jailton Batista é um romance, mas contém informações sobre a guerra entre o grupo marxista de Agostinho Neto e a, por exemplo, Unita de Jonas Savimbi. Não substitui uma obra histórica, e não é sua pretensão, especialmente porque atribui uma força vital ao indivíduo, mas é esclarecedor, mesmo quando sutil e irônico (diria que é mais compreensivo do que irônico, apesar do humor), a respeito das motivações da guerra.

Boa noite a todos. Este é um momento feliz, em que nos reunimos para celebrar a estréia de um novo romancista brasileiro, Jailton Batista. Repartido entre o Brasil e Angola, por força de suas atividades profissionais, fez dessa sua experiência de vida um bem a compartilhar conosco, seus leitores.

Jailton trouxe em *Duas Mulheres*, *Quatro Amores* e *Uma Guerra Civil*, os cenários angolanos em sua beleza rude e primitiva, sobretudo, um olhar compassivo e solidário para as massas anônimas e sofridas, vítimas de uma guerra civil. Seu olhar deteve-se em especial sobre duas mulheres, Esperança e Fatu, capturadas e mantidas prisioneiras, por serem presumivelmente da facção amiga, mas humilhadas e torturadas sobretudo por serem mulheres num mundo de homens.

O romance inicia de modo instigante: em 2007, Esperança, uma das protagonistas, em meio ao clima geral de reconstrução de Luanda, fecha as últimas caixas e pacotes de sua mudança. Vai com os filhos morar numa casa melhor. A guerra ficou para trás, e uma nova vida se anuncia. Escondida entre pertences, ela encontra uma pequena caixa de madeira negra que encerra um fragmento de seu passado:

Dobrada meticulosamente, como se guardam segredos, ali dentro está a carta escrita pelo marido [...ditada] momentos antes da morte por inanição nos confins da mata onde se refugiara nos últimos dias da guerra, acuado pelas forças inimigas.

Como se fosse viva, a caixa a espreita, perigosa como serpentes de pesadelos, e parece reprimir, a custo, os fantasmas de seu passado de prisioneira de guerra. Decidida, Esperança lacra a caixa, "sufocando a voz do finado marido, que lá dentro suplica o perdão". A caixa se fecha, mas não a memória, que volta no tempo e revive o ensolarado dia 31 de outubro de 1980, quando a ação do romance principia.

Esse início já anuncia ao leitor alguns dos ingredientes da trama: a guerra que, embora parecesse interminável, chega a seu fim; a insinuação de uma trama amorosa sem final feliz; a presença de uma mulher forte, dona de seu próprio destino. Para o leitor, existe aí um dado reconfortante; a protagonista chega incólume ao outro lado de sua travessia, pode-se ler o romance sem a angústia do suspense.

O texto de Jailton é bem construído, sua linguagem é vívida, tendo a particularidade de aqui e ali interpelar o leitor, como se lhe contasse pessoalmente a história. Os africanismos são dosados, comparecendo na justa medida, apenas para dar breves pinceladas de cor local – nunca chegam a constituir estorvos na leitura. Quanto ao enredo e os personagens, eles não são simplesmente plausíveis, verossímeis. São verdadeiros. Isso porque este romance teve sua gênese em fatos vividos por pessoas reais, que o autor conheceu em Angola (a caixinha do texto de abertura, por exemplo, existe de fato) e que ele soube transfigurar em literatura. Não é por acaso que a capa traz uma fotografia, e não um desenho. Mas não é meu papel privar os leitores do prazer da leitura de *Duas Mulheres*, *Quatro Amores* e *Uma Guerra Civil*. Este é um livro que, a par do entretenimento, leva o leitor a refletir sobre a natureza humana, sobre sua grandeza e sua miséria, e sobre a insensatez das guerras.

Vera Maria Tietzmann Silva

Jailton,

Terminei de ler o teu livro.

Gostei do formato, dos personagens, da história da guerra. Conheci, também, sobre os hábitos, a língua e alimentos nativos.

Ótimo o caráter crítico do narrador. Provoca o leitor. Muito bom.

Senti uma frustração por não teres avançado mais na vida, pontos de vista, modos e procedimentos do ateu, porém, muito distante do à-toa. Representou um contra-ponto extraordinário à "cachaça" beática, comum em nossas civilizações cristãs.

Nosso Deus é tão pobre material e psicologicamente. Como aprecio uma opinião contrária a toda esta farsa do Deus e seus poderes; dos receios e conformação das "ovelhinhas" bem-treinadas e bem-intencionadas.

Interessante a forma introdutória, cuja revelação do conteúdo da caixa de ébano projeta o leitor ao passado de longos e penosos anos de vários homens e mulheres angolanos. Estes, os grandes sofredores.

Interessantes os poemas e as cartas amorosas. Romântico.

Pela reflexão do conteúdo, o leitor conclui que a guerra não traz o bem. Na verdade ceifa o que há de melhor no humano. O amor, dá lugar ao ódio; O democrático, ao Tirano. O Pensador, ao guerreiro boçal.

Felizmente, em 1822, por aqui bastou um grito, segundo a história, ou estória, pós-evacuação de um filho nobre português, do reino de Portugal. Incrível, não é mesmo? Ou, quem sabe, pura bênção da natureza!

É isso aí. Não poderia deixar de enviar-te as minhas pequenas considerações. Afinal, me destes o teu produto literário com tão boa vontade e alegria.

Se tiveres outro testemunho, favor enviar-me que será bem recebido, e muito bem lido.

Saudações, Percy